

# AS ESPIRITUALIDADES: AS BASES DA ASSUSTADORA “DEMOCRACIA INCLUSIVA” NAS AMÉRICAS

## SPIRITUALITIES: THE FOUNDATIONS OF THE SCARY “INCLUSIVE DEMOCRACY” IN THE AMERICAS

Gabriella Aguilar Cardozo<sup>1</sup>

**Resumo:** As aspas aqui postas dizem tudo o que é necessário para a compreensão da leitura do texto a seguir: a democracia nas Américas não tem como sua melhor característica a inclusão. Para além da não inclusão, há também um esforço historiográfico e de memória política e social de exclusão de povos subjugados e deslegitimados das contribuições que ofereceram para o mundo ao longo da evolução humana desde a colonização primária do mundo. Aqui serão vistas e anali-

sadas as negligências dessas contribuições aos povos africanos no que diz respeito à Revolução Industrial e Revolução Americana, passando pelas noções de resistência à Travessia e ao sistema de Plantation.

**Palavras-chave:** Revolução Industrial; Navio Negreiro; Tráfico Atlântico; Abolicionista; Antinomanismo.

**Abstract:** The quotation marks placed here say everything that is

---

<sup>1</sup> Licencianda de História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

necessary to understand the reading of the following text: democracy in the Americas does not have inclusion as its best feature. In addition to non-inclusion, there is also a historiographical effort and political and social memory to exclude subjugated and delegitimized peoples from the contributions they offered to the world throughout human evolution since the primary colonization of the world. Here, the negligences of these contributions to African peoples will be seen and analyzed with regard to the Industrial Revolution and the American Revolution, passing through the notions of resistance to the Crossing and the Plantation system.

**Keywords:** Industrial Revolution; Slavery; Atlantic Traffic; Abolitionist; Antinomianism

## INTRODUÇÃO

O reconhecimento da participação e contribuição africanas na história da humanidade vem sendo histórica e constantemente negligenciado pela hegemonia dos discursos que delineiam os acontecimentos e narrativas acerca das conquistas da sociedade civilizada. Em consequência disso, vemos a permanência de perspectivas subjugantes sobre esse continente e seus respectivos povos, em vez de sua inserção protagonista nos tópicos mais tradicionais do ensino da História. Com os estudos pertinentes à história da África, pode-se exemplificar essa concretização traçando a trajetória de povoamento do mundo, seus reais povos originários, interesses de deslocamento de mapas e de onde surgiram inspirações para mitos de origem das religi-

ões monoteístas. Neste momento, com o avanço dos séculos da história humana, se buscará, por sua vez, demonstrar neste levantamento a mesma concretização presente tanto na Revolução Industrial quanto nas lutas para libertação das colônias e o subsequente mérito atribuído à Revolução Americana.

### **OS PILARES DO PIONEIRISMO INGLÊS**

A forma pela qual se deu a Revolução Industrial não se baseia em sociedades mais evoluídas ou na preponderância do desenvolvimento britânico acelerado no século XVIII, ao contrário, suas raízes são estabelecidas muito anteriormente e esta é apenas a consequência final de uma longa cronologia cujas causas são explorações profundas de povos africanos e do sistema de

plantation das colônias. Será Eric Williams a nos esclarecer isso em “Capitalismo e Escravidão” (WILLIAMS, 2012) quando estabelece os fazendeiros açucareiros e os comerciantes de escravos como as classes financiadoras desta revolução. Através dessa interseção foram erguidos os gigantescos lucros do comércio triangular, que, somado aos reinvestimentos internos, tornaram possível o pioneirismo inglês na lógica industrial.

Por conseguinte, o próprio comércio triangular se retroalimentava com o desenvolvimento do setor bancário: capitães de navios negreiros e corsários ascendiam com o dinheiro do tráfico, tornando-se proprietários de navios até conseguirem se estabelecer em terra como merchants –comerciantes; conforme seu lucro aumentava, ascendiam à classe bancária e passavam a se

tornar financiadores do trabalho que exerciam em primeiro lugar, possibilitando o crescimento da economia colonial. Com isso, o capital das Índias Ocidentais fora direcionado para o investimento de máquinas a vapor, que, novamente, era interessante para fazendeiros de cana e seus sócios. Estes últimos passaram a conseguir contratos de governo para garantir a continuidade do crescimento e a estabilidade necessária para o desenvolvimento das metalúrgicas que mais tarde estariam sendo exportadas para o resto do mundo, junto de seus homens e produtos têxteis (WILLIAMS, 2012).

Não tardará muito para se perceber o surgimento de discursos liberais como os de Adam Smith e Thomas Jefferson; as ressalvas a este último serão dadas posteriormente, mas no que concerne a esta linha cronológica, já

estava posicionada a mentalidade em prol do fim do mercantilismo. O debate monopólio X livre comércio contra argumentava o cerceamento do potencial produtivo inglês em sacrifício de uma pequena minoria rica produtora colonial. Somado à aversão proibitiva do crescimento econômico das colônias, estava estabelecida a filosofia que circunscreverá a Revolução Americana no tocante aos “freios que o sistema mercantil impunha à capacidade produtiva” (WILLIAMS, 2012).

Internamente à economia britânica, tratava-se apenas da preocupação com os melhores números daquilo que, desapercivelmente compunham não só pessoas, mas milhões de mortes destas. O preço do que seria o maior polo industrial mundial por um longo tempo seria uma média de 5 milhões de mortes, onde 40% foram nos navios ne-

greiros que realizavam a Travesia (REDIKER, 2011). A vivência proporcionada pelo tráfico tem narração intencionalmente incomodante detalhada por Marcus Rediker, em “O navio negreiro” (REDIKER, 2011). Contudo, para muito além da imagem de sofrimento, subjugação e subordinação estimulada pela historiografia, Rediker traz uma leitura composta por fontes que fizeram pesquisa primária acerca daqueles residentes nesse terror. A compreensão das relações de poder inerentes àquela realidade é de relevância essencial para vislumbrar os acontecimentos inéditos que se seguiram.

Das quatro relações que cortam a realidade do tráfico atlântico apontadas pelo autor, três se mostram mais relevantes para esta construção. A primeira delas é a do capitão com sua tripulação, baseada numa disci-

plina brutal e mortal, controladas por meio de comidas podres, salário baixos e uma mortalidade semelhante à dos escravizados; A segunda era referente a que existia entre os marujos e esses escravizados, que recebiam uma qualidade ainda inferior de alimentação, açoitamentos severos, estupros, que por sua vez eram respondidos com greves de fome, suicídios das mais grotescas formas e insurreições. A importância das insurreições é aquilo que dá vida ao discurso do autor, demonstrando a articulação, destreza, capacidade de planejamento e insubordinação daqueles africanos escolhidos para venda. Suas reincidências eram por vezes inacreditáveis devido à violência dos açoites e torturas, no entanto, nenhuma brutalidade parecia ser o bastante para deter o desejo de viver e lutar por liberdade, o que faz compreender o desejo dilace-

rador pela morte quando vislumbravam essa perda de perspectiva. Rediker inclusive os classifica como os primeiros e reais abolicionistas, por essa constante luta contra sua condição (REDIKER, 2011).

Por fim, a terceira relação era a estabelecida entre os cativos que compunham a heterogeneidade do navio. Vindos de classes e etnias variadas, a solidariedade engendrada nesses meios era composta por trocas de conhecimento e vivências que caracterizaram essa nova espécie de relações de parentesco devido à situação que os unia. Ainda que imersos nessa socialização heterogênea, fazia parte da cultura africana comum o tratamento de todos como humanos; sendo, portanto, a Travessia que construiu a noção de raça ao generalizarem os africanos trazidos como negros, separando-os dos demais

humanos como se não o fossem.

Esses expostos eram o real pano de fundo que possibilitou a Revolução Industrial, sem o qual não haveria capital suficiente para construir toda a gloriosa história britânica narrada e ensinada. Tamanho levantamento delineado até aqui se justifica não apenas sob contextualização, mas sobretudo sob as bases que levaram aos movimentos abolicionistas e anticolonialistas nas Américas, onde não se pode chegar sem conhecer o caminho percorrido. Do outro lado do Atlântico, outro lado da história também estava sendo silenciado e negado à participação ativa de povos africanos, relegando a eles apenas a narrativa de subalternização e tendo sua agência esvaziada.

## **OS DESPREZADOS DE NEW YORK**

Em “Os párias das nações da Terra” de Peter Linebaugh (LINEBAUGH, 2008), usa esse termo para se referir a todos os indivíduos tomados como inferiores, desprezíveis e marginalizados das sociedades coloniais americanas, e que por isso não obtiveram um espaço à mesa dos redatores da história da democracia, sendo esses escravizados, marujos, soldados, trabalhadores e imigrantes irlandeses. Seu recorte se limita a uma análise nortista e central da América, não sendo, portanto, uma história Atlântica completa. Contudo, como bem sabemos da história colonial brasileira, todas as insurreições contra o sistema escravocrata são ensinadas como revoltas, conceito extremamente problemático pelo reducionismo da articulação, conhecimento de técnicas e da realidade vivida,

bem como do caráter intencional desses movimentos, tratados como passionais, isolados e sem objetivo final direcionado.

O movimento descrito pelo autor remete às zonas portuárias e à sua fama de perigosas devido à grande movimentação de pessoas. O que parecia ser turbulento por si só adquiriu um novo significado quando tabernas se tornaram locais de encontro, conversas, trocas de experiência e elaboração de movimentos contra o sistema por esses párias, que confraternizavam em igual condição. Local de fundamental socialização, essas tabernas concentravam os mais variados tipos de gentes com seus próprios níveis de enfrentamento originais. Essa espécie de organização resultou em planejamentos para incendiar e tomar a cidade de Nova York, que acabara de passar por um inverno rigoroso e estagnação

do comércio, com trabalhadores na miséria, escassez de alimentos e defesa fragilizada devido as guerras contra a França num extremo e corsários em outro. Ali traziam suas insatisfações acerca da hidrarquia dos navios negreiros, do regimento militar cubano, do sistema de plantation das ilhas açucareiras, da miséria de lavradores irlandeses e da resistência quilombola jamaicana. Essas trocas estabeleceram noções de hierarquia e solidariedade com organização semelhante a militar (LINEBAUGH, 2008).

## AS ESPIRITUALIDADES COMO ORGANIZAÇÃO POLÍTICA

A principal contribuição que demarcou toda a movimentação desse grupo extremamente heterogêneo foram as culturas e memórias da África Ocidental,

que, segundo Linebaugh, eram o centro do plano da maior insurreição dentre as ocorridas em 1741. Esses africanos possuíam experiência democrática anterior ao tráfico e não admitiam a condição em que se encontravam, logo, compunham a esfera de chefiar o recrutamento e a disciplina, comandando capitães que, por sua vez, lideravam arredores de cem homens. Esses chefes tinham autoconsciência da sua importância devido à experiência militar da Costa do Ouro. Chamados Coromantees, suas técnicas e ritualísticas podiam ser encontradas em diversas localizações do Atlântico e se tornaram um grande empecilho para as investigações que se seguiram (LINEBAUGH, 2008).

A espiritualidade Coromantee foi essencial para que as insurreições obtivessem sucesso, pois como eram intrínsecas ao



principal e mais forte grupo de organização, foram amplamente disseminadas. Sua técnica consistia em rituais religiosos integrados à natureza (onde, como vimos no trabalho anterior, integravam a totalidade do ser africano, com respeito máximo e invocação de forças para executar determinadas tarefas). Eram juramentos militares que resgata-  
vam poderes primários do Raio e do Trovão sob comprometimen-  
to de vida para apoiar a causa e guardar seu segredo (LINEBAUGH, 2008).

No século seguinte, algo semelhante se percebeu na Jamaica em 1860, com a Revolta de Tacky, terminando com o maior número de mortes brancas e negras, com 60 e 300, respectivamente. Essa marcante resistência à escravidão era pautada na religião africana akan, inserida na clandestinidade por seus prin-

cípios violentos (isento de juízo de valor). Seus adeptos necessitavam que seu akan recebesse a possessão espiritual de deuses que passavam aos homens poderes sobrenaturais de força e combate pela liberdade inalienável. Pregavam a tomada de fortalezas militares, armas e destruição de usinas. Seus praticantes eram sentenciados com a morte (LINEBAUGH, 2008).

Não apenas espiritualidades africanas marcavam esses atos de resistência, como também um cristianismo primitivo começara a despertar os abolicionistas. O discurso dos Atos dos Apóstolos trazia um comunismo discursivo de destruição das propriedades privadas e ampla adesão de negros que buscavam no batismo o livramento de seus senhores e garantia de salvação pós-vida ainda que se revoltassem. Essa narrativa cristã foi pre-

cursora de um antinomianismo fundamental para o desembocamento democrático, estimulando a indiferença para com a lei e incitando a desobediência civil (LINEBAUGH, 2008).

Esse antinomianismo cristão levou ao afro-cristianismo, onde pregadores negros faziam discurso de liberdade subjugada apenas à lei de Deus e nada poderia privá-los desta. Tomando corpo politizado, tal narrativa assume a filosofia de “cidadãos do mundo” pela igualdade de raça (a humana): negros privados da sua liberdade poderiam usar da força com respaldo legal (LINEBAUGH, 2008).

Os demais componentes da horda heterogênea também depositavam grandiosas contribuições sobre a causa abolicionista democrática. Marujos extremamente insatisfeitos com suas condições de trabalho por

quase nada, além da violência e brutalidades presenciadas na hierarquia, na qual ingressavam pelo recrutamento forçado; afro-hispânicos, negros livres, vindos do Caribe sentiam um grande sentimento de injustiça por serem vendidos como escravos em Nova York; possuíam amplo conhecimento de guerra com substâncias amplamente incendiárias. Outrossim, imigrantes irlandeses sofriam grande perseguição e preconceito e emigravam por serem criminosos ou pelo desemprego somados à necessidade de aumento da contingência da população branca nas colônias. Possuíam amplo conhecimento de sociedades secretas e conspirações, grande ódio à perseguição religiosa da Igreja Anglicana e eram em sua maioria, soldados (LINEBAUGH, 2008).

Mesmo que as insurreições dos anos 40 não tivessem

resultado em sucessos concretos, sua organização, técnicas, influência e inspirações rodaram todo o Atlântico, de forma tal que, não demorou muito para que o cenário se tornasse insustentável para a manutenção do sistema colonial, levando à explosão de movimentos pela independência. O que é desconsiderado intencionalmente pelas historiografias, é o fato de a Revolução Americana ser fruto de confrontos entre classes sociais, organizado de baixo pra cima, pelos párias, sem os quais jamais seria possível chegar aos acordos políticos de 88 (LINEBAUGH, 2008).

A ação direta dos revolucionários causara uma cisão entre os abolicionistas, dentre os quais passou a ser denominado de patriotas a seção que correspondia àqueles que reconheciam a relevância destes primeiros, mas temiam uma possível anarquia, e,

por isso, reduziram a amplitude de sua participação nesses movimentos e excluíram a narrativa de guerra entre classes, a centralidade abolicionista da causa e o pertencimento dos párias à futura cidadania (LINEBAUGH, 2008). Deste modo, não se pode crer na democracia das Américas enquanto essencialmente inclusiva. Dentre os nomes patriotas mais destacados, temos o já citado Thomas Jefferson, considerado um dos pais fundadores dos EUA justamente por seu “ativismo” na luta pela liberdade.

### **Considerações Finais**

Nesta linha argumentativa, foram expostos os reais pilares que possibilitaram a Revolução Industrial da Inglaterra e de que forma seu mérito atribuído não abraça toda a realidade estimulada pelo comércio

triangular. Do mesmo modo, à época da Revolução Americana o mesmo se repete: o reconhecimento daqueles conhecidos como pais fundadores e defensores da liberdade nada mais é senão o desdobramento de uma ação muito maior e anterior a estas, que representam um acordo entre a classe política dominante e a que estava a ascender, sendo oportuno, uma vez mais, excluir da cidadania e reconhecimento histórico aquelas pessoas das quais não é interessante outorgar relevância. De forma consequente, sofre o continente africano e seus povos espalhados pelo mundo com os esvaziamentos de seu protagonismo enquanto pioneiros de articulações democráticas e anticolonialistas.

À luz de Eric Williams, Marcus Rediker e Peter Linebaugh me foi possibilitado ofertar este levantamento que reivin-

dica a agência e inteligência da resistência dos povos africanos para muito além de superficiais conceitos como o de “revolta” à época da crise do Império Português no Brasil, por exemplo. Após tomar noção do protagonismo de questões como o das espiritualidades – sendo estas propriamente vindas do continente originário africano, ou passivas de alteridade pela ideia própria de cristianismo –, solidariedade, organização e experiência militar e consciência política sobre a realidade vivenciada, buscou-se incentivar o exercício de descolonização historiográfica dos aprendizados escolares e sociais.

Finalmente, por meio dessa organização aqui trazida, se destaca o reconhecimento dos movimentos encabeçados por africanos como os primeiros levantes políticos nas Américas por quererem reproduzir sua vi-

vência democrática anterior. E, portanto, deve-se garantir a eles o reconhecimento de uma real base democrática e não aquela tradicionalmente ligada ao financiamento britânico da escravidão.

### Referências Bibliográficas:

A INDÚSTRIA britânica e o comércio marítimo triangular; O DESENVOLVIMENTO do capitalismo britânico, 1783-1833. In: WILLIAMS, Eric. Capitalismo e Escravidão. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. cap. 5 e 7, p. 148-159; 181-191.

OS PÁRIAS das nações da Terra; A HORDA heterogênea na Revolução Americana. In: LINEBAUGH, Peter. A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário. São Paulo: Companhia das Letras,

2008. cap. 6 e 7, p. 187-223; 224-261.

VIDA, morte e terror no tráfico de escravos. In: REDIKER, Marcus. O navio negreiro: Uma história humana. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. cap. 1, p. 9-49.